

Editorial nº 9: Brasil, o Sul Global e a nova ordem mundial

13

Nesta edição de **número 9** da **Revista Fim do Mundo** trazemos o Dossiê Temático “Brasil, sul global e a nova ordem mundial”, onde reiteramos nosso compromisso com o pensamento de Karl Marx, ao tratar das atuais dramáticas contradições com que se defronta a humanidade, fruto do descontrolado modo de produção capitalista, cada vez mais destrutivo, ao fazê-la adentrar a fase histórica de crise estrutural do capital, de fim dessa civilização.

A categoria “crise estrutural” é de inspiração do filósofo marxista húngaro István Mészáros. A civilização do capital, que nas suas origens prometia um mundo de liberdade individual e coletiva, para além das amarras do trabalho servil, da nobreza e do clero, levou a humanidade para um novo mundo de trevas, desta vez da alienação, da reificação e da escravidão, primeiro a escravização de negros, indígenas e outros pelo homem europeu branco e, depois, a nova forma de escravidão velada: o trabalho assalariado e suas formas pós-modernas de empreendedorismo individual, etc. Após mais de meio milênio de acumulação ampliada do capital, chegamos à sua crise estrutural, quando a humanidade é colocada no limiar de sua extinção, assim como da existência do planeta terra, tamanha a destruição ambiental e humana em processo. Decorrência disso, as contradições se multiplicam, ao passo que ainda se mantém a ideologia e a prática do trabalho assalariado como forma de sobrevivência da classe trabalhadora e da própria necessidade do trabalho vivo para a produção de valor e de mais valor, ao passo que a ampliação acelerada da composição orgânica do capital continuará a jogar milhões de pessoas nas ruas, sem emprego, sem ocupação e sem moradia.



Uma verdadeira hecatombe social atravessa todas as sociedades do globo. O aquecimento global, causado pela acumulação ampliada do capital e suas incontáveis revoluções tecnológicas, coloca a natureza e a terra em perigo iminente de destruição. O capital, em sua ânsia acumuladora, não pode abrir mão de tratar a natureza e os seres humanos como recursos inesgotáveis. Como não há outro planeta, o único plano alternativo para a humanidade é o de "ir além do capital", criar condições reais para a superação desta sociedade ameaçadora, única maneira de manter a sobrevivência da espécie e da natureza. Assim, a cada dia que passa, ir além do capital se torna uma necessidade incontornável. A Revista Fim do Mundo, embora acadêmica, expressa esse espírito de luta alternativa, essa necessidade histórica de ir além da "salsicharia" da produtividade acadêmica atual, ao privilegiar artigos e ensaios com a chama da reflexão crítica embasada no materialismo histórico e dialético, única forma de superar o obscurantismo idealista e irracionalista que nos cerca desde pelo menos o século XIX.

Sermos radicais é nossa proposta e, desejo deste número e do atual dossiê que ora lançamos é ir à 'raiz dos problemas', colocar a necessidade da revolução em todas as suas dimensões com a consciência clara de que ela não ocorrerá sem teoria revolucionária, e não haverá teoria revolucionária sem o esforço coletivo, constante e prolongado de homens e mulheres de todos os continentes, de reflexão sobre as reais contradições da sociedade atual. É isto que esperamos apresentar às leitoras e leitores de nossa revista com os textos, entrevistas e com a arte deste número 9 que hora lançamos.

O movimento de expansão do novo capital produtivo financeirizado e suas novas forças produtivas lançou o capitalismo a uma nova era. Nela, sua nova civilização promoverá uma ruptura histórica com a evolução até hoje conhecida dessa sociedade.

Nos EUA, a principal potência imperialista, a evolução do Partido Republicano, a partir dos anos 1960, conduzida por uma nova ultradireita intelectual (em geral composta por ex-marxistas de várias escolas) com fortes vínculos com o neopentecostalismo, fará com que este partido enfrente e desbanque a anterior hegemonia absoluta do Partido



Democrático. Guiado por um ultraliberalismo muito próximo ao fascismo e em grande medida reagindo ao declínio dos EUA como primeira potência mundial, o Partido Republicano conceberá uma nova ordem mundial reacionária e regressiva, passando a estimular e organizar mundialmente um bloco de forças fascistas e parafascistas que disputará e alcançará o poder em vários países.

O último deles, na Europa, foi a Itália, com a vitória de Giorgia Meloni nas eleições presidenciais de 2022, candidata de um partido explicitamente fascista. Outro deles, a Ucrânia, tornou-se depois do golpe de estado de 2014, um campo experimental neocolonial dos EUA e a cabeça de ponte para a estratégia de destruição da Rússia, objetivo sempre desejado e nunca abandonado pelo imperialismo. Tal estratégia, promovida pela OTAN, visava a expansão e fortalecimento da atual ordem mundial sob a exclusiva liderança dos EUA. Além da destruição da Rússia, promoveria o cerco à China, subtraindo-a do poder bélico e energético da Rússia, com o conseqüente desvirtuamento e liquidação do bloco BRICS, alternativo à ordem mundial vigente.

No Brasil, a ultradireita – em um processo da revolução da contrarrevolução - chegará ao poder através do golpe parlamentar em Dilma Roussef. A partir de então, colocará em movimento a estratégia neoliberal trumpista e processará o desmanche do estado nacional brasileiro, primeiramente das políticas públicas de proteção ao trabalho assalariado, aos povos originários e aos biomas estratégicos, assim como da educação e da ciência e tecnologia, vitais momentos nacionais emancipatórios. Ela também aprofundará a desindustrialização e prosseguirá com a liquidação da emancipação energética conquistada pelo pré-sal, estimulando e fortalecendo a opção predadora e agroexportadora da economia. O capitalismo da miséria aprofundará ainda mais suas características antiproletárias perversas.

A extremada polarização política, que perpassa o capitalismo mundial, atingirá com força especial os países americanos, inclusive os próprios Estados Unidos. A América do Sul se torna elemento fundamental deste processo, fato que exacerbará as lutas de classes, que levarão ao poder os trabalhadores bolivianos e colombianos, que abalará a hegemonia peronista na Argentina e pinochetista no Chile, que levará a direita ao poder no Uruguai, ao embargo à economia venezuelana, mas também aos recentes golpes de estado no Brasil, Bolívia e Peru, ao recrudescimento do embargo a Cuba e à permanência da estratégia golpista no Brasil. Igualmente, se



expressará por via de uma reativação mundial da política belicista anti-russa da União Europeia, igualmente do militarismo japonês e de toda a Ásia, assim como ao recrudescimento do poder da ultradireita israelense e suas graves consequências externas e internas.

Esta somatória de processos conduz à expansão mundial do fascismo e à exacerbação militarista que se aproxima do perigo nuclear na guerra da Rússia contra as forças nazi-nacionalistas ucranianas. Além disso, e exatamente devido a eles, gesta-se uma nova ordem mundial sob a liderança da China, secundada pela Rússia, através dos BRICS e do processo de expansão de seus partícipes. Cumpre destacar a forte possibilidade de o Brasil vir a cumprir função apendicial à política do Partido Democrático norte americano, em especial a sua política externa imperialista desse partido, no que tange ao apoio à dissolução do poder de veto no Conselho de Segurança da ONU das potências vitoriosas na II Guerra Mundial.

À África, por sua vez, o capitalismo reservou-lhe um papel estratégico na predação e saqueio de matérias primas vitais à nova indústria, assim como à redivisão de suas áreas econômico-políticas por meio de guerras regionais, muitas delas crônicas, o que recrudescerá enormemente seus já de por si complexos processos de emancipação nacional. Sua fragilidade neocolonial e sua enorme riqueza mineral, mais as suas potencialidades agroexportadoras, a fazem presa fácil das potências imperialistas.

Esse complexo de contradições em desenvolvimento é indício da irreversível transição a uma Nova Ordem Mundial do capital, plena do perigo de uma guerra mundial com uso de armamento nuclear com consequências inimagináveis para a humanidade. Para além da catástrofe ambiental e da catástrofe política por via da expansão do fascismo e seu momento belicista crucial na guerra na Ucrânia, emerge no curto prazo o real perigo do trânsito nuclear da guerra. Assim é que o fim do mundo elevou sua densidade específica e promete tragar as boas intenções da humanidade democrática. Não basta resistir ao seu avanço, é imperioso lutar decidida e permanentemente contra a ascensão do fascismo, à loucura do capital, incapaz de oferecer tregua à humanidade. É necessário estender ao máximo o controle social sobre o capital ao ponto de soffrear e liquidar seu apetite genocida.



Com o fito de colaborar para a realização de tais pretensões, o leitor notará que organizamos dentro desta edição de **número 9** uma série de textos, artigos, ensaios, resenhas e entrevista, longe de serem unânimes, a serviço do estímulo à reflexão e ao adensamento de posições críticas. Passemos, então, a apresentar brevemente o conteúdo do presente exemplar.

Para compor a edição, como **Artista Convidado**, convidamos *Rodrigo Fischer*, pernambucano dedicado à arte em suas mais diversas vertentes, a nos brindar com suas fantásticas ilustrações que estimulam a reflexão proposta com temas debatidos a respeito das crises e transformações contemporâneas de nossa sociedade global.

Na seção **Debate do Fim do Mundo**, o Professor Paulo Alves de Lima Filho abre os trabalhos apresentando ao leitor o texto *"Alguns elementos da economia política da reindustrialização: o caso do Brasil"*. Nele, o autor trata da crítica da economia política neoliberal e dos fundamentos produtivos da revolução econômica da nova ordem, assim como de seus reflexos na reprodução política mundial, tendo como centro a fratura política norte americana e suas reverberações nacionais, no caso do Brasil. É de se anotar que nessa seção poderiam também constar ao menos mais quatro textos, tais como os dos professores Carlos A. Cordovano, Alexander V. Buzgalin, Marcelo M. Doti e (outro) do professor Paulo Alves de Lima. Todos eles, com diferente abrangência e complexidade, tratam da crítica da ordem neoliberal e buscam apreender o sentido histórico desta nova era.

Por sua vez, na seção **Artigos**, contamos com seis textos. No primeiro artigo *"Das crises cíclicas à crise estrutural do capital"*, Carlos Alberto Cordovano Vieira nos oferece uma análise crítica da evolução do capital e sua expressão ideológica na economia política, em diálogo com Marx e historiadores marxistas, desde a sua gestação até a presente fase, quando novas forças produtivas do capital criam as bases do impasse vital de sua reprodução e, conseqüentemente, de sua superação. Evidencia, assim, a possibilidade real de a humanidade capitalista vir a destruir as bases de sua existência, ao revelar os fundamentos de sua crise estrutural.

Em *"A crise da democracia brasileira e o papel do extremismo político e religioso"*, Manuela Lowhental Ferreira analisa as diversas facetas do avanço da ala conservadora na política e as relaciona com a ascensão dos movimentos conservadores ligados às vertentes pentecostais e neopentecostais. Estes três primeiros textos promovem um diálogo de fundo para discutirmos as transformações na nova ordem mundial.



O conjunto de artigos iniciados pelo texto de Jesus Brigos “¿Tenemos “la teoría” para la transformación socialista? Cuba 2023” aborda as transformações na nova ordem social sentidas desde a periferia do sistema capitalista. Este texto nos oferece reflexões sobre as práticas reais da transformação socialista e as elaborações teóricas sobre o processo, tendo como referência a experiência cubana. Em “Nicarágua e o fracasso das tentativas de revolução colorida no período de 2018 a 2023”, Lazaro Recompensa Joseph e Míriam Gontijo de Moraes recuperam a história recente da Nicarágua e da revolução sandinista para debater a emergência das pós-verdades e *fake news* neste país.

O artigo seguinte “A crise global e o realinhamento das alianças da classe capitalista do Leste Europeu: o caso do *iliberalismo húngaro*” escrito pelos pesquisadores húngaros Tamás Geröks e Ágnes Gagyí dialoga com os temas da crise global e das transformações do capitalismo periférico desde a outra ponta da periferia capitalista: o leste europeu. A partir de uma recuperação histórica da inserção econômica húngara na divisão social do trabalho na era soviética e da transição capitalista deste país, os autores discutem a emergência do *iliberalismo* húngaro sob a figura de Vitór Orbán.

Para fechar a seção de artigos, Alexander Buzgalin no brinda com o texto “Economia Russa: pobreza, estagnação e alternativas” em que trata de dois temas: a pobreza na Rússia contemporânea e sua relação com o sistema capitalista em geral, como também o modelo russo particular de desenvolvimento deste sistema. Na segunda temática, Buzgalin aborda a estagnação da economia russa e as possibilidades de adoção de uma estratégia eco-sócio-humanitário. Desta forma, o professor russo expõe as razões imanentes à reprodução de um capitalismo miserável na Rússia, sob a égide do capital financeiro e da ideologia que contemporaneamente o expressa. Ao fazer a crítica do capitalismo russo, propõe uma alternativa democrática e popular radical ao capitalismo da miséria.

De volta à América Latina, na Seção **Textos para Discussão**, Paulo Alves de Lima Filho nos oferece o ensaio “A teia assassina – um balanço da revolução bolivariana sob a ótica da teoria de transição comunista. Breve ensaio sobre o livro de Modesto Emílio Guerrero”. O autor aborda em especial o caráter genocida da contrarrevolução imperialista e outros momentos socioeconômicos no processo da revolução bolivariana da Venezuela. Para tal desenvolve os fundamentos da economia política da transição comunista, através da qual é possível avaliar as potencialidades da transição venezuelana e, desse modo, avaliar sua regressão contemporânea, objeto do



livro do autor venezuelano radicado na Argentina, Modesto Emílio Guerrero, "Crónica de um magnicídio: Chávez, la Enfermera y el Edecan".

Na Seção **Ensaio Crítico**, quem abre os trabalhos é Marcelo Mücke Doti em "*Geopolítica da Destruição: uma nova (des)ordem geopolítica mundial*". O autor nos oferece uma abordagem geopolítica, calcada em Marx, a salientar a produção do espaço pelo capital e as razões da crise atual de sua reprodução, com especial ênfase na sua busca incansável e vital por novas fontes de energia, em especial o petróleo, assim como seus reflexos devastadores na sociabilidade nacional e mundial.

Em "*Sobre los acontecimientos en Perú. Ejercicio de interpretación histórica*", Pedro Francke nos oferece uma rica análise sobre a particularidade histórica do Peru no contexto da economia mundial e latino-americana e lança luz sobre as razões das desigualdades socioeconômicas que determinam a atual crise política peruana. No texto "*Chile: 1520 días, de la ilusión a la esperanza*", Patrício Caramori interpreta o processo político chileno do período recente, mais especificamente, dos últimos 1520 dias. O autor parte da análise sobre os protestos sociais que marcaram os últimos anos no Chile e desmistifica o processo constituinte que caminhou de uma grande esperança popular para uma armadilha da extrema direita.

Encerrando nosso *giro* pela América Latina, voltamos à Venezuela com o texto "*¿Qué busca el gobierno de Maduro? Un breve balance de la revolución bolivariana*" em que Modesto Emílio Guerrero nos fornece uma reflexão sobre as transformações em curso na Venezuela, debatendo os erros, acertos e limites do governo Maduro que têm levado à destruição das conquistas do *chavismo*.

Por fim, Bennet Brazelton nos oferece uma análise sobre o romance "*O olho mais azul*" de Toni Morrison através da discussão que o livro promove sobre a liberdade enquanto valor e prática. Em "*There were no marigolds: Africana Philosophy and Freedom as Mutual Responsibilities*" a autora dialoga com o pensamento ocidental liberal, que estebece a liberdade individual como o principal valor cívico, moral e político.

Na seção **Resenhas**, temos a colaboração de Zuleica Vicente, sobre o livro "*China – socialismo do século XXI*", publicado no Brasil em 2021, pela editora Boitempo. A autora provoca um debate ao redor da proposta de transformação socialista que supostamente direciona as políticas do governo chinês. Instigando a leitura crítica da obra.

Por fim, na seção **Entrevista**, os pesquisadores do Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos – IBEC – tiveram o prazer de entrevistar o



professor peruano Enrique Amayo, professor aposentado da Unesp, livre docente, pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). A entrevista perpassou um amplo emaranhado de temas que se entrelaçaram, desde a trajetória acadêmica do intelectual aos processos históricos e políticos da América Latina e da China, com especial atenção à questão decolonial.

Fica assim o convite à leitura desta nona edição de nossa revista, em meio à estes grandes debates do Fim do Mundo.

20

Junho de 2023.

Coordenação do Dossiê Temático

Paulo Alves de Lima Filho | Adilson Marques Gennari

Aline Marcondes Miglioli | e os Editores

